

## O ESTUDO DOS CONECTORES EM SALA DE AULA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Maria da Silva Nário<sup>1</sup>  
Bruno Alves Pereira<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O estudo de gramática existia antes mesmo de o Português se constituir como disciplina curricular. Alguns estudiosos como Fernão de Oliveira, autor da primeira gramática da língua portuguesa publicada em 1536, e outros autores de gramáticas produzidas no século XVII já se preocupavam com esse ensino. Conforme as discussões feitas por Soares (2002), a respeito da história do Português na escola, somente quando o uso da língua portuguesa tornou-se obrigatório no Brasil, foi que essa língua passou a conquistar seu espaço no meio escolar. Dentre os componentes curriculares que integravam a disciplina, encontrava-se a gramática portuguesa, embora em coocorrência com a latina. Porém, esta com o passar do tempo foi sendo esquecida devido ao latim passar por um processo de perda de valor social. Dessa maneira, a gramática portuguesa foi ganhando autonomia e compêndios passaram a ser elaborados por professores que os escreviam visando seu público de alunos.

De acordo com esses apontamentos, podemos observar o quanto é perceptível as raízes históricas da gramática no ensino do Português. Segundo a autora, a partir de 1960, houve uma fusão na qual gramática e texto passaram a ser organizados num único livro, porque embora constituintes de uma única disciplina, eram conteúdos de compêndios distintos. Todavia, “*fusão* talvez seja uma denominação inadequada para o que realmente ocorreu: na verdade, a gramática teve primazia sobre o texto nos anos 1950 e 1960 (primazia ainda hoje é dada em grande parte das aulas de português, nas escolas brasileiras)” (SOARES, 2002, p.168). Dito isto, brevemente nos é esclarecido o porquê de haver uma forte tradição gramatical tão perpetuada atualmente nas aulas de Português. E mais do que isso, além de a gramática exercer predomínio, é propagada com uma ênfase metalinguística o que traz para o interlocutor pouca reflexão do processo de interação. Reconhecemos o quanto esse ensino é importante, mas também consideramos que as contribuições trazidas pelas ciências linguísticas a partir dos anos 80, que consideram o ensino de língua a partir de um viés que ultrapassa uma metodologia prescritiva, é essencial para que o aluno se reconheça nas aulas de Português, reflita a língua que usa e perceba que o que estuda são conteúdos carregados de significância. Assim, defendemos o ensino gramatical, mas associado a um contexto de reflexão de uso.

Uma proposta reflexiva de ensino que vale a pena destacarmos aqui é a prática de Análise Linguística (AL), difundida nos anos 80 por João Wanderley Geraldi e que foi inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nos anos 90, tornando-se um dos eixos de ensino da língua portuguesa. De acordo com Bezerra e Reinaldo (2013), a prática de AL propicia ao usuário uma posição de analista da língua(gem), através de reflexões epilinguísticas e metalinguísticas. Desse modo, essa prática “se apresenta como alternativa ou

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba – PB, [anna\\_silva@live.com](mailto:anna_silva@live.com)

<sup>2</sup> Professor orientador: Mestre em Linguagem e Ensino, Universidade Estadual da Paraíba – PB, [brunoapcg@bol.com.br](mailto:brunoapcg@bol.com.br)

complementação ao ensino de gramática tradicional e como reflexão relacionada aos eixos de leitura e de escrita” (BEZERRA E REINALDO, 2013, p. 84). Diante disso, reconhecemos que a prática de AL trouxe contribuições significativas para proporcionar um ensino gramatical contextualizado e que, apesar de haver ainda raízes de uma tradição focada no ensino de estruturas gramaticais, sem levar em consideração o texto e reais situações de uso, a prática de AL tem sido ampliada nas escolas e muitos professores têm buscado tornar suas aulas mais vinculadas ao contexto de seu alunado.

Isto posto, neste trabalho, apresentamos uma proposta de ensino dos conectores a qual é advinda de uma intervenção que realizamos como bolsista do Programa de Residência Pedagógica, na Escola Municipal Tiradentes em Monteiro-PB em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental durante uma semana. Para tanto, espelhamos-nos teoricamente nas reflexões de Antunes (2005, 2014). Procuramos desenvolver um trabalho que partisse de uma reflexão do uso para depois adentrar em possíveis classificações, pois acreditamos que essa metodologia de ensino desperta o pensamento acerca daquilo que cotidianamente está presente em nossa atividade verbal, nesse caso, dos conectores que são elementos constantemente utilizados nas diversas situações comunicativas do dia a dia. Assim, através do nosso relato de experiência, objetivamos reiterar a importância do estudo contextualizado da língua, refletir sobre a relevância dos conectores no processo de conexão lógico-discursiva entre as partes do texto e destacar as contribuições que essa prática trouxe para nossa formação acadêmica. Os resultados da nossa proposta mostraram-se satisfatórios, uma vez que promoveu a reflexão de termos que usamos cotidianamente, instigou o pensamento dos alunos acerca da função dos conectores, promoveu participação e interesse pelas aulas de Português e fortaleceu a nossa convicção de que vale a pena o esforço que fazemos em prol de melhorar a nossa prática docente.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Para a produção da proposta da qual este trabalho é resultante, primeiramente elaboramos um planejamento das aulas que iríamos ministrar. Para isso, baseamos-nos no plano dos professores de língua portuguesa da rede municipal de ensino de Monteiro – PB. Tal plano tinha uma ênfase nos descritores da Prova Brasil, pois, neste ano de 2019, os alunos irão realizar a referida avaliação. Por esse motivo, o município investiu num processo de preparação dos discentes para a realização desse exame. Um determinado número de descritores eram trabalhados por semana. O período em que aconteceu as aulas em uma turma de 9º ano da rede pública de ensino com vinte e seis alunos foi de 13 a 17 de maio de 2019. Ficamos incumbidos de abordar por uma semana o descritor 15 que objetiva que aluno seja capaz de estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc. A quantidade de aulas que efetuamos foram quatro. Há cinco aulas de Língua Portuguesa por semana na escola, contudo, em virtude uma paralisação que ocorreu no dia 15, ficamos com uma aula a menos. O objeto de estudo definido no plano foi conectores. Então, nas semanas anteriores a essa que iríamos ministrar, elaboramos a nossa sequência de aulas sob supervisão do coordenador da Residência Pedagógica de Língua Portuguesa do Campus VI – UEPB. A cada aula que demos, registramos num diário de campo individual as nossas impressões sobre cada encontro e como aconteceu cada um. Dessa forma, as descrições e análises que aqui faremos acerca da nossa experiência vêm do nosso plano e dos nossos registros sobre cada aula que relatamos em nosso diário pessoal.

## TRAJETÓRIA DAS AULAS

Nesta seção, descrevemos as atividades ministradas em cada encontro e, na seção posterior, abordamos as nossas análises acerca dessas aulas.

### 1ª aula, 13 de maio de 2019

Para a primeira aula, levamos a crônica “Além do Possível”, do autor Ferreira Gullar. Retiramos alguns conectores presentes no texto e os substituímos por traços. Os alunos deveriam lê-lo e pensar nas possíveis palavras que poderiam se encaixar nos espaços vazios, de forma que a palavra que colocassem em cada espaço causasse uma relação de sentido entre as partes do texto. Para isso, colocamos no quadro um enunciado explicando o que eles deveriam fazer.

Enquanto os educandos realizavam a atividade, andávamos pela sala para analisar como estavam se desempenhando, percebemos que não estava sendo fácil. Além disso, eles ficavam perguntando se poderia ser mais de uma palavra num mesmo espaço e se precisavam colocar alguma pontuação. Respondemos a essas dúvidas e deixamos que prosseguissem com o exercício, sem dar qualquer tipo de ajuda em relação a quais palavras seriam. Num determinado momento, um aluno pediu uma dica. Foi então que fizemos o que havíamos planejado fazer: escrevemos no quadro todos os conectores que preenchiam os espaços, porém fora de ordem. Os alunos deveriam pensar em qual espaço cada um dos conectores se encaixaria. Mesmo após esse auxílio, eles ainda demoram para responder. Quando estava faltando alguns minutos para encerrar a aula, iniciamos a leitura do texto, indagando sobre que palavras tinham sido colocadas nos espaços. Quando eles respondiam, repetíamos em voz alta o conector, encaixando-o no espaço e questionávamos se estava havendo sentido e ligação entre o que vinha antes e depois. Assim, os discentes iam percebendo os sentidos causados pelos conectores e logo notavam quando o encaixe de um determinado conector ficava estranho.

Ressaltamos que, antes de começarmos a correção, perguntamos aos alunos se eles sentiram dificuldade na compreensão do texto e eles disseram que no geral não, mas em algumas partes específicas, que eram justamente onde estavam faltando as palavras, não compreenderam bem, somente quando preenchiam com o conector era que melhorava a compreensão. Por conta do tempo, a continuação ficou para a próxima aula, mas já foi possível uma boa introdução do assunto. É importante ressaltar também que, em nenhum momento, dissemos que aquelas palavras eram conectores e muito menos que iríamos estudar sobre conectores, pois a ênfase estava, a princípio, na reflexão do sentido dessas palavras no texto.

### 2ª aula, 16 de maio de 2019

Na segunda aula, começamos lembrando à turma o que havíamos feito no encontro anterior e dissemos que iríamos prosseguir com o que já tínhamos começado. Escrevemos no quadro novamente a lista dos conectores para que os alunos lembrassem deles e para nos servirem de auxílio na explicação.

Iniciamos a leitura do texto em voz alta desde o primeiro parágrafo e fomos pausando nos espaços em branco para perguntar sobre como haviam respondido. A cada opção de conector que eles diziam, fazíamos o encaixe no texto e líamos, assim eles respondiam se havia uma relação de sentido ou não. Houve situações que eles responderam conforme o que

estava no texto original, mas houve momentos que colocaram opções que não eram as da versão original da crônica, mas que estabeleciam a mesma relação de sentido. Nesses casos, explicávamos que não era a opção que o autor usou na sua produção, todavia fazia sentido também. Houve situações em que a palavra que colocaram não estabelecia uma lógica, e, quando fazíamos a leitura, os alunos logo percebiam a estranheza. Quando não tinham preenchido nada, líamos o texto encaixando cada um dos conectores que estava no quadro até eles perceberem qual era o que completava o sentido do texto.

Quando finalizamos a leitura, explicamos que chamávamos aquelas palavras de conectores, pois elas permitiam uma conexão entre as partes do texto, quer fosse entre palavras, orações ou parágrafos. Mencionamos que elas servem de sinal para nortear o leitor a fim de que compreenda que “um texto não avança por acaso; cada parágrafo vai retomando o que foi dito, explícita ou implicitamente, em partes anteriores” (ANTUNES, 2014, p.123). Por essa razão, era importante sabermos fazer o uso adequado dos conectores em um texto para expressar as nossas ideias, a fim de que o leitor compreenda o que queremos dizer. Também citamos que os conectores promovem a coesão e coerência de um texto. Quando dissemos isso, uma aluna perguntou a diferença entre os dois. Então, explicamos que a coerência está relacionada ao sentido do texto, à harmonia das ideias e que também ela dependia da coesão para promover o sentido, sendo que coesão fazia referência ao uso adequado dos conectores para uma boa articulação das ideias.

3ª e 4ª aulas, 17 de maio de 2019

Na primeira aula desse encontro, retomamos brevemente o que havíamos visto na aula anterior e dissemos que, naquele momento, os alunos iriam fazer uma atividade relacionada ao uso dos conectores. Entregamos para cada aluno a atividade, fizemos a leitura do enunciado e demos um exemplo no quadro de como deveria ser a resolução do exercício. Dado esse primeiro exemplo, uma aluna proferiu: “professora, dê outro exemplo”, pensando que ela estava brincando, a resposta foi: “ah, assim fica fácil, né!?”. No mesmo instante, outra aluna disse “professora, dê um exemplo com ‘ou’!”. Então, percebemos que realmente ainda havia ficado dúvidas, por isso resolvemos dar outro exemplo usando o conector “ou”. A atividade consistia em uma análise de um conjunto de palavras (os conectores) que estavam numa tabela, eles deviam observar cada palavra, pensar em uma situação que fazem o uso dela e encaixá-la no seu grupo de sentido.

Enquanto os alunos faziam, ficávamos andando pela sala, passando de lugar em lugar, tirando alguma dúvida. As dúvidas que surgiram foram em relação aos conectores consoante, porquanto, ou...ou, por isso, porque. Quando os discentes perguntavam em qual grupo se encaixava essas palavras, pedíamos que dissessem uma frase incluindo o conector e quando diziam a proposição que pensavam, questionávamos sobre que sentido aquele conector estava tendo no contexto citado, assim eles foram compreendendo melhor. Em relação aos termos pouco usados como *consoante*, foi preciso explicar que não se referia ao grupo de letras das consoantes, pois surgiu essa dúvida. Afirmamos ser uma palavra pouco usada na oralidade, mas que existia muito na escrita. Não dávamos a resposta, mas tentávamos estimulá-la. Contudo, houve clareza em dizer que tentassem responder tudo, que fizessem como achassem que poderia ser, pois depois confirmaríamos ou não as hipóteses no momento da correção.

Na segunda aula desse encontro, fizemos a correção. Escrevemos todos os grupos de palavras no quadro e fomos perguntando onde tinham encaixado cada conector, perguntávamos um por vez e pedíamos um exemplo de uso, uma frase. Quando diziam a frase, questionávamos sobre o sentido causado pelo uso do conector para posteriormente

encaixá-lo em seu grupo. Levamos exemplos anotados para utilizar, caso eles não conseguissem citar, incluímos exemplos retirados do texto que já tinham lido, mas mal os usamos porque eles sempre tinham uma frase na ponta da língua. Além disso, pudemos dar exemplos envolvendo o nome deles, expressando situações cotidianas e isso proporcionou bastante interação. Em um determinado momento, um aluno perguntou a diferença entre o *mas* e o *mas também*, então usamos o nome dele dizendo: “M. gosta das aulas de português, mas não gosta das aulas de matemática”. Sorrindo, ele disse que era verdade. Depois, falamos: “M. gosta das aulas de português, mas também gosta das aulas de matemática”. Então, perguntamos a diferença entre as duas frases e chegamos à conclusão de um expressar oposição e outro adição. O tempo da aula finalizou e não concluímos a correção, mas realizamos boa parte dela.

## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

No geral, podemos afirmar que o sentimento de ministrar essas aulas foi de realização, pois percebemos que houve atenção e participação dos alunos. Acreditamos que para isso a metodologia usada contribuiu bastante. Os alunos estavam envolvidos em atividades repletas de sentido. Isso foi fundamental para entenderem que estavam estudando palavras demasiadamente presentes no dia a dia. Muitas vezes, o que tem acontecido nas aulas de Português é o tratamento dos conectores de forma fragmentada e descontextualizada. Quando isso acontece, “as frases, inseridas assim em um contexto de análise totalmente artificial, nem parecem coisas que a gente diz no dia a dia. Os alunos nem percebem por que usam conjunções, preposições e respectivas locuções, desde pequenos a toda hora” (ANTUNES, 2014, p.124). Um fato que aconteceu na nossa terceira aula evidencia esse caráter fragmentado com que os conectores são trabalhados. Em um determinado momento, vimos uma aluna com uma tabela de conjunções e a partir da qual ela tentava responder a atividade que propomos, no entanto ela não foi muito feliz nessa atitude, pois não conseguiu encontrar em seu quadro de conjunções todas as que colocamos no exercício. Assim, ela precisou se esforçar para pensar.

Ainda falando sobre a carência de um estudo contextualizado, Antunes (2005, p. 143) afirma que “a função desses conectores na organização do texto como um todo, de um modo geral, não chega sequer a ser mencionada nem em gramáticas nem em livros didáticos”. Por essa razão, muitos alunos sentem dificuldades quando precisam usar esses elementos em seus textos – assim como sentiram na primeira atividade que propomos – porque pouco entendem o valor semântico que cada um expressa, afinal é “muito pouco, é muitíssimo insuficiente contentar-se APENAS com saber identificar de que conector se trata. Quase sempre, se acha o nome, mas se perde o sentido” (ANTUNES, 2014, p.126). Em nossas aulas, escolhemos fazer um trabalho que teve o sentido das palavras como ponto de partida, a fim de os discentes reconhecerem o valor semântico dos conectores e percebessem que estes fazem parte de situações reais da linguagem.

Acreditamos que, quando há um equilíbrio entre o metalinguístico e o epilinguístico, nossa prática se torna mais significativa e o aluno se reconhece no assunto trabalhado. Julgamos importante dizer que não precisamos apresentar o conteúdo em seus termos técnicos. Em nenhum momento, dissemos aos alunos que iriam estudar as relações lógico-discursivas, marcadas por conjunções, preposições, etc. Isso soaria estranho e dificilmente provocaria uma empatia com o assunto, por isso a importância de utilizar termos usuais a fim de promover a reflexão do uso do conteúdo no cotidiano. Em suma, avaliamos que, em termos de objetivos alcançados, a nossa sequência de aulas sobre conectores teve êxito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar a nossa primeira experiência com o trabalho de conectores em sala de aula foi de bastante importância. Todo o processo de planejamento nos levou a aprofundarmos os nossos estudos acerca desse grupo de palavras tão relevantes para a coerência e coesão do texto escrito ou oral. Com isso, reconhecemos que o avanço de uma parte para outra em um texto não acontece por acaso. Transmitir essas ideias para os nossos alunos de maneira contextualizada nos mostrou o quanto o ensino de gramática pode ser significativo quando parte da reflexão e o quanto pode gerar bons resultados e mais interação nas aulas de Português. Por isso, afirmamos que metodologias de ensino que não veiculam o conhecimento como algo pronto e acabado precisam ser reiteradas cada vez mais nas escolas.

Salientamos que o acompanhamento do coordenador da Residência Pedagógica nesse processo foi fundamental, pois, antes de pensarmos numa proposta contextualizada, ficamos imaginando o quanto trabalhar de forma tradicional seria mais fácil. Seria simples mediar o conteúdo dando conceitos e, em seguida, exemplos soltos, contudo direcionados por uma excelente supervisão, concluímos que práticas que geram resultados favoráveis precisam de esforço, embasamento teórico-metodológico e criatividade. E todo e qualquer esforço que fizermos valerá a pena. Certamente quando sairmos da condição de graduandos e passarmos a assumirmos um vínculo empregatício como professores, estaremos alargados de experiências que muito nos ajudarão em nossa prática pedagógica.

**Palavras-chave:** Residência Pedagógica, Análise Linguística, Conectores.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada:** limpando o pó das ideias simples. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras:** coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise linguística:** afinal, a que se refere? São Paulo: Cortez, 2013.
- SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma.** São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 155-177.